



O FAZER POÉTICO: DESEJO E RECRIAÇÃO NA POESIA DE ADÉLIA PRADO E CORA CORALINA

Jailma da Costa Ferreira; Rosângela Maria Soares de Queiroz

Universidade Estadual da Paraíba – jailma.jdf@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba – rosangelamsdequeiroz@gmail.com

RESUMO: O presente artigo corresponde a uma leitura do fazer poético na escrita de Adélia Prado e Cora Coralina, buscando evidenciar como esse fazer contribuiu diretamente para que as poetisas reinventassem suas próprias vidas, ao passo que (re) contavam suas próprias histórias. A pesquisa aqui apresentada configura-se como uma das análises desenvolvidas no projeto de pesquisa *Mal-estar na cultura: posições ocupadas pela mulher no modelo familiar burguês através da escritura de autoras brasileiras contemporâneas*. A escrita poética, portanto, tornou-se um espaço pelo qual muitas mulheres puderam se auto-revelar. Embora, ainda veladas pelo medo e/ou pelo preconceito, não deixaram de trazer para suas poesias um eu confessional. Pretende-se, pois, neste trabalho, refletir sobre a relação das escritoras com seus textos poéticos, bem como perceber a relação estabelecida entre o eu imaginário ficcional e o eu subjetivo real, assumidos por elas através dos poemas *Sedução* (Adélia Prado) e *Aninha e suas pedras* (Cora Coralina). Para tanto, recorreu-se a teoria da psicanálise para compreender as manifestações subjetivas do eu através da escrita, e a teoria literária, no que diz respeito à construção do gênero/feminino nos poemas mencionados. Estas discussões estão fundamentadas no aparato teórico de Dufrenne (1969), Freud (1996), Machado (2010), Pinheiro (2003) e Telles (2010).

Palavras-chave: Escrita feminina, Poesia, Adélia Prado, Cora Coralina.

INTRODUÇÃO

Ao se analisar poemas de autoras contemporâneas, percebe-se que seus textos são um espaço pelo qual elas têm expressado seus desejos mais casuais, como também aqueles mais ‘insanos’. É na poesia que a mulher se revela, sem medo de ser considerada profana, afinal o texto literário permite essa liberdade de expressão, no qual realidade e ficção misturam-se, ao ponto de se tornar impossível dissociá-las. O imaginário excede o real. Dessa forma, é ele (o

imaginário) que dará a liberdade da mulher se expressar sem que precise se submeter a julgamentos pré-concebidos pela sociedade, que embora pós-moderna ainda é muito machista. Por outro lado, também é o imaginário que vai caracterizar o texto como uma obra literária, a qual não se limita a ser apenas um diário confessional – de desejos proibidos –, mas sim uma legítima obra de arte.

Isto posto, é possível considerar que realidade e imaginação interligam-se,

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



fazendo com que o leitor se aproprie de um texto vivo, pelo qual ele pode sentir o espírito criador do autor pulsando nas linhas e entrelinhas do poema. Lembrando o pensamento filosófico de Hegel, Dufrenne (1969, p. 159) aponta que

A intimidade do eu e do outro, no estado poético, é, mais do que refletida, vivida. A conciliação do verdadeiro com o real, segundo Hegel, não tem lugar no pensamento, pois se processa na imaginação. “A poesia”, diz ele ainda, “deve concretizar, pela força da imaginação, o pensamento especulativo no próprio âmago do espírito. Deve descer ao núcleo íntimo e próprio do homem: às profundezas da imaginação.”

É ao descer a essas profundezas, que o poeta revela em sua obra aquilo que não se limita ao seu consciente e/ou ao seu espírito criador. Mas, ao ir às profundezas, o escritor resgata fatos, sentimentos, desejos, etc., que estão contidos em seu inconsciente. É importante lembrar que esse resgate, na maioria das vezes, é feito de forma inconsciente, ou seja, nem sempre a decisão de trazer ao texto esses fatos, sentimentos e desejos, está ancorada a uma decisão consciente. Pois, nem sempre, o poeta se dá conta que está revelando seu eu, sua subjetividade, afinal essa revelação, como já foi dito, trata-se de algo inconsciente. São os devaneios que habitam a intimidade do homem e

que este não deseja revelá-los, como será visto adiante.

Portanto, é objetivo deste trabalho discutir como a poesia de Adélia Prado e Cora Coralina constitui-se em um fazer poético, no qual imaginário e realidade se fundem. Seus textos revelam um eu artístico-ficcional e um eu subjetivo-real, sendo sempre a arte poética o meio de cada uma empoderar-se, recriando suas histórias e desvelando seus desejos. A identificação desses aspectos serão discutidos a partir dos poemas *Sedução* de Adélia Prado e *Aninha e suas pedras* de Cora Coralina.

METODOLOGIA

Quanto à perspectiva metodológica que norteia a produção deste trabalho, optou-se, em relação à abordagem, por uma pesquisa qualitativa e, no que diz respeito ao procedimento, por uma pesquisa bibliográfica. Procura-se, pois, evidenciar, através dos poemas *Sedução* de Adélia Prado e *Aninha e suas pedras* de Cora Coralina, como o fazer poético está atrelado à vida das próprias autoras. Tendo em vista que a escrita literária foi um meio através do qual muitas mulheres puderam projetar novas perspectivas para suas vidas, este trabalho busca evidenciar essa projeção na escrita poética de Adélia e



Cora.

RESULTADO E DISCUSSÃO

O poema *Sedução*, retirado do livro *Bagagem* (1976), primeira obra de Adélia Prado, traz essa característica, revelando como a poesia leva o eu poético a um certo estado de transe, no qual ele (o eu poético), deixar-se-á ser dominado pelo discurso que previamente já estará impregnado no texto. Sendo assim, não é o poeta que domina o poema, mas sim a poesia que conduz o poeta. Pode-se afirmar, desse modo, que o poema é o texto (a matéria), a poesia é a essência (a alma) e o poeta é apenas o condutor do poema. A poesia, por sua vez, antes mesmo de se tornar poema já existia no subconsciente do poeta, é ela quem domina e determina o texto poético.

A escrita poética consiste, assim, em um espaço primordial em que a vida é (re) escrita, (re) inventada. O poema *Aninha e suas pedras*, presente no livro *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha* (1983), terceira obra publicada de Cora Coralina, é uma evocação à necessidade de recriar a vida. O eu poético afirma a importância da persistência e ressalta que é a partir da construção de novas práticas que o ser humano torna-se capaz de vencer os obstáculos que o cerca.

O texto poético permite que se exprima sem censura aquilo que se sente, aquilo que se é. Percebe-se, na leitura do texto adiliano, que a poesia é a personificação de uma mulher. Contudo, uma mulher bastante diferente daquela que se costuma ver na sociedade moderna. Essa analogia que se faz entre a poesia e a mulher é bastante pertinente, pois é a partir dessa transfiguração que se pode conhecer os devaneios da mulher. O texto poético é o espaço da liberdade de ser aquilo que se deseja. Como se lê:

1. A poesia me pega com sua roda dentada,
2. me força a escutar imóvel
3. o seu discurso esdrúxulo.
- 4 Me abraça detrás do muro, levanta
5. a saia pra eu ver, amorosa e doída.
6. Acontece a má coisa, eu lhe digo,
7. também sou filho de Deus,
8. me deixa desesperar.
9. Ela responde passando
10. a língua quente em meu pescoço,
11. fala pau pra me acalmar,
12. fala pedra, geometria,
13. se descuida e fica meiga,
14. aproveito pra me safar.
15. Eu corro ela corre mais,
16. eu grito ela grita mais,
17. sete demônios mais fortes.
18. Me pega a ponta do pé
19. e vem até na cabeça,
20. fazendo sulcos profundos.
21. É de ferro a roda dentada dela.

Muitas das características lidas no texto adiliano, repetir-se-ão no poema



Aninha e suas pedras, de Cora Coralina. É na poesia que a voz poética encontra a oportunidade de recomeçar sua vida, retirando os obstáculos, simbolicamente representados pelas pedras, os quais são encontrados no decorrer da vida. Assim, a escrita poética surge como uma alternativa para a realização pessoal, um espaço no qual a mulher pode expressar-se tal como é.

1. Não te deixes destruir...
2. Ajuntando novas pedras
3. e construindo novos poemas.

4. Recria tua vida, sempre,
sempre.
5. Remove pedras e planta
roseiras e faz doces. Recomeça.

6. Faz de tua vida mesquinha
7. um poema.
8. E viverás no coração dos
jovens
9. e na memória das gerações que
hão de vir.

10. Esta fonte é para uso de todos
os sedentos.
11. Toma a tua parte.
12. Vem a estas páginas
13. e não entres seu uso
14. aos que têm sede.

Na primeira estrofe, o eu poético exorta o leitor a não deixar sua vida se destruir e logo apresenta uma solução que poderá preveni-lo dessa “destruição”: ajuntar pedras e construir poemas. Essa estrofe parece ser o resultado da experiência vivida pela poeta. Pois, se consideradas as escolhas que

assumiu e o caminho que percorreu para recomeçar sua história de vida, será constatado que a arte de escrever poemas foi um dos meios que ela encontrou para realizar-se e, conseqüentemente, vencer as pedras que haviam no seu caminho.

Na terceira estrofe, de *Aninha e suas pedras*, a voz poética vislumbra mais uma alternativa para que a vida seja recriada: escrever poemas. A escrita foi e é, sem dúvida, um dos caminhos que muitas mulheres trilharam em busca de liberdade. Não obstante, a arte de poetizar é ainda mais motivadora, pois através dos textos poéticos, a mulher encontra uma forma de expressar seus sentimentos mais livremente. Pois, embora escrever poemas fosse para as mulheres uma atividade marcadamente censurada, a poesia é o gênero por excelência que exprime a realidade interior e a experiência subjetiva de cada um diante das realidades exteriores do seu cotidiano ou da sua psique. Através da escrita, a mulher encontra um meio de reivindicar seus direitos, ampliando, assim, o espaço para o qual sua vida estivera determinada. Conforme destaca Machado (2010, p.312):

A mulher ainda se queixa, talvez sem perceber suas próprias conquistas [...]. Mas o simples fato de pôr a boca no mundo já era uma conquista. As mais



ousadas começavam a se projetar como escritoras, poetisas, jornalistas, reivindicando direitos por meio da palavra escrita.

No poema adeliano, contudo, a irreverência não se limita apenas ao discurso poético, mas também as suas atitudes. A personificação da poesia como mulher acontece durante todo o texto, os quarto e quinto versos caracterizam esse fato de forma ainda mais evidente. É interessante perceber a ação da mulher na quinta estrofe, ao levantar a saia um tabu é quebrado, sua atitude é de extrema irreverência. A revelação da mulher é permutada, personificada, transmutada em poesia. O poema não se limita a ser o espaço da mulher, mas agora a mulher é a essência que sustenta esse poema. Assim, como a trama do avesso sustenta o tecido, a essência poética sustenta o poema. Portanto, a mulher é essa própria essência, ela é a poesia.

Considerando o eu poético como um ser masculino e a poesia como um ser feminino, pode-se dizer que os papéis de homem e mulher são invertidos no poema de Adélia. O eu poético, no entanto, mostra-se submisso ao que essa mulher deseja, sendo assim “acontece a má coisa” (v. 6). Esse termo, evidentemente, refere-se à relação sexual, portanto, o ato sexual acontece não por iniciativa do homem, mas sim da mulher. Essa

iniciativa é explicitamente representada pela ação do levantamento da saia.

A mulher, personificada em poesia, pode expressar-se livremente, encontra uma liberdade de expressão que até então lhe era negligenciada. Através do texto literário, muitas mulheres mostraram-se como seres sexuados, que têm desejos. Desse modo, deixaram para trás a imagem do ser assexuado, do anjo bom, que por muito tempo perdurou na sociedade burguesa. A partir da escrita literária, que permite a interação entre realidade e imaginário, as poetisas puderam externar seus devaneios, provocando em seus leitores uma experiência de identificação e de prazer com o fazer poético delas.

Freud (1996, p. 84), lembra que

[...] o indivíduo que devaneia oculta cuidadosamente suas fantasias dos demais, porque sente ter razões para se envergonhar das mesmas. Devo acrescentar agora que, mesmo que ele as comunicasse para nós, o relato não nos causaria prazer. Sentiríamos repulsa, ou permaneceríamos indiferentes ao tomar conhecimento de tais fantasias. Mas quando um escritor criativo nos apresenta suas peças, ou nos relata o que julgamos ser seus próprios devaneios, sentimos um grande prazer, provavelmente originário da confluência de muitas fontes.



Percebe-se no poema adeliano que a escritora, personificada no eu poético, faz uso da imagem da poesia para expressar um desejo sexual inibido, assim fala abertamente das ações provocadas por esse mesmo desejo. O discurso, na maior parte do texto, é um sem pudores. Não há constrangimento algum em revelar a poesia como um ser essencialmente sexual, a qual é representada por imagens eróticas, despertando, assim, desejos e devaneios no eu poético, como também em seu interlocutor.

Entretanto, evidencia-se aqui um contraponto na escrita das poetisas. Enquanto o texto de Cora é moldado numa linguagem cheia de pudores e de pouca ousadia, Adélia articula seu texto através de uma linguagem erótica, estabelecendo uma relação a dois, de desejos e troca de afetos. Sendo que essa relação, a todo momento, é conduzida pela poesia, ou seja, pela mulher, uma vez que esta está intrínseca àquela.

No entanto, é através da imagem poética que as autoras expressam sua subjetividade. A revelação da subjetividade através da poesia é muito significativa para a vida das mulheres. O texto poético é o espaço da liberdade de expressão, talvez, por isso, esse tenha sido um dos espaços mais difíceis para a mulher

ocupar. As mulheres escritoras lutaram muito para poder ser aceita no universo literário, e, mais resistência ainda, sofreram as poetisas. Conforme TELLES (2010, p. 423):

Parece que sobre a lírica feminina havia algo que atraía mais fortemente a crítica dos homens. Isso, por sua vez, tornava mais difícil a expressão da poesia das mulheres. A poesia lírica que não a mera exposição de sentimentos adequados exigia um eu confessional forte [...].

Em ambos os textos há a presença de um eu confessional, o qual expõe seus desejos, seu modo de recriar e superar a vida.

No décimo sétimo verso do poema adeliano, lê-se que há na poesia sete demônios, assim o eu poético enfatiza o poder de dominação que a poesia tem sobre ele. E, não são apenas sete demônios, mas “sete demônios **mais fortes.**” (v. 17 [*negrito nosso*]). A imagem desses sete demônios é muito simbólica, representa uma força sobrenatural e potente, representa a organização do reinado de Satanás, o anjo bom, criado por Deus, que se tornou mau por ter se negado a adorar ao criador e quis ser tal como Ele. É essa força maligna que é atribuída à mulher, um ser que por capricho se torna desobediente, desvirtuando-se do caminho justo e reto, e



que ao desvirtuar-se leva junto com ela aqueles que se deixam dominar por suas ideias e “desejos pecaminosos”. A mulher é, portanto, essa força dominadora.

Em *Aninha e suas pedras*, evidencia-se que a voz poética, revestida de poder e autoridade, propõe uma alternativa à invisibilidade e à desimportância, à mesquinhez e ao prosaísmo da vida doméstica. Através da arte de escrever, a poeta vai além da mera função de ser dona de casa, tornando-se viva “no coração dos jovens e na memória das gerações que hão de vir” (v. 8-9). Com isso, ela ressignifica seu papel enquanto mulher, deixando de ser apenas a musa inspiradora, a criatura. Contudo,

Para poder torna-se criadora, a mulher teria de matar o anjo do lar, [...] e teria de enfrentar a sombra, o outro lado do anjo, o monstro da rebeldia e da desobediência. O processo de matar o anjo ou o monstro refere-se à percepção das prescrições culturais e das imagens literárias que de tão ubíquas acabam também aparecendo no texto das escritoras (TELLES, 2010, p. 408).

Percebe-se, pois, que os textos de Adélia e Cora emergem da relação sócio-cultural do século passado, logo o modelo familiar burguês está presente explicitamente na escrita das autoras. Ao mesmo tempo em que avançam indo em busca de espaço na

sociedade, ainda predominantemente patriarcalista, deram também grande importância aos valores sócio-culturais da época em que foram criadas: casamento; maternidade; dedicação ao lar, ao marido, aos filhos, etc.

As autoras são equivalentes ao defender que o primeiro espaço da mulher é o doméstico, é do seio da família que tudo vai emergir, portanto, a primeira (pre) ocupação da mulher está centrada na vida de seu marido e de seus filhos. Talvez, esse seja um dos motivos pelo qual Adélia e Cora só tenham alcançado seu apogeu como escritoras somente na idade madura.

CONCLUSÃO

O fazer poético para Adélia Prado e Cora Coralina é a arte de (re) escrever a própria história, atribuindo a ela novos significados, novas escolhas e novas realizações. Na poesia a mulher encontra sua liberdade: se não pode viver plenamente seus desejos, pode ao menos expressá-los; se não pode ser, pode ao menos falar de si. Portanto, a escrita feminina contribuiu de forma significativa para que a subjetividade feminina viesse à luz. A mulher deixa de ser ‘criatura’ e torna-se ‘criadora’ de sua própria trajetória.



Por meio da escrita, Cora e Adélia transformam suas lembranças em poesia, fazendo delas uma fonte de aprendizado e crescimento. Expressam em seus poemas os seus desejos, anseios, progressos e as suas conquistas. Em seus textos, as poetisas deixam transparecer que a poesia é a principal responsável pela ressignificação de suas vidas. É a partir do texto poético que as escritoras projetam-se para além do espaço familiar burguês.

REFERÊNCIAS

DUFRENNE, Mikel. **O poético**. Porto Alegre: Globo, 1969.

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Edição Standard Brasileira. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o Romantismo**. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

PINHEIRO, Suely Reis. A palavra ecoa pelos becos da vida: Cora Coralina, imagens, cheiros e cores na resistência social à exclusão. In: BRANDÃO, Izabel; ZAHIDÉ, L. Muzart. **Refazendo nós**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003. p. 225-242.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 401-442.